

## Entrevista com Antônio José Saraiva

EPA - Durante o seu curso, tivemos oportunidade de cons  
tatar que você revisita e questiona as suas posições  
anteriores. Há pouco nos declarou - você que é o autor  
da História da Literatura Portuguesa - que não acredita  
mais em histórias. E que se hoje você fosse escrever o  
mesmo livro não o formularia do mesmo modo, mas sim como  
uma série de "milagres", de iluminações literárias.

Pensando nos autores de que você se ocuparia para  
criar essa constelação, você citou, entre outros, Fernão  
Lopes, Gil Vicente e, quando nomeou Camões, você disse  
que, dentre todos os quinhentistas, ele foi o menos portu  
guês. Há quem se espante com esta declaração!

SARAIVA - Bem, preciso dizer que isso é uma fórmula. E  
as fórmulas são espantáveis, são cunhadas propo  
sitadamente cortantes, afirmativas e exageradas. Mas  
creio mesmo que Camões é um grande poeta da Renascença e  
estaria muito bem na Itália. É, além disso, um homem que  
afirma de forma bastante forte o pensamento, o sentimen  
to e a atitude do homem renascentista em relação ao des

---

Entrevista concedida a Haqira Osakabe e a Maria Lúcia  
Dal Farra na ocasião em que, como professor convidado  
do Depto. de Teoria Literária, graças à FAPESP, Antônio  
José Saraiva ofereceu para o NECEPO (IEL) um curso sobre  
A Novíssima Prosa Portuguesa (outubro de 1983).

tino.

O homem da Renascença põe às avessas o pecado original: aquela cena da Bíblia, da expulsão do Adão do Paraíso, aparece virada ao contrário na cena da Ilha dos Amores. O homem aí entra no Paraíso com botas, calçado, espingarda e tudo - "eu volto ao Paraíso e cá estou eu, violando, portanto, a proibição de Deus". Isto é um pensamento não especificamente português, embora talvez mais português do que à primeira vista se dirá, porque a verdade é que os portugueses realmente foram à Índia, viraram o cabo das Tormentas, etc, etc. Portanto, eles podiam ter essa consciência. De qualquer forma, este é um pensamento comum à Itália, à Espanha, à França no Renascimento. Se vemos as coisas por esse lado, Camões não pertence ao contexto português mas a um contexto mais vasto e europeu.

EPA - E quanto à lírica de Camões?

SARAIVA - Se formos analisar certos aspectos da sua lírica - aquela coisa de "papel com quem as penas de safogo" -, onde Camões faz a sua auto-biografia, há aí um tom profundamente triste, saudosista, um olhar para o tempo que não volta, para a coisa irremediável, para uma vida que se perdeu: isso já é uma posição romântica. A "canção X" é tipicamente romântica: é o poeta que se visita, que se narra, que se conta, que se queixa. Por este lado Camões tem uma sensibilidade portuguesa - a idéia do Fado, das lágrimas, de que homem já nasce premeditado

para o amor. Essa lado sombrio, à meia luz, esse lado de confissão é português. A atitude afirmativa - "nós vence mos os deuses!" - isso já não é nosso e a própria métri ca usada é a dos poemas chamados épicos do Ariosto. Mas, por outro lado, ele escreve redondilhas, o que é uma in venção ibérica e que pertence à tradição portuguesa e que existia, pelo menos, desde o século XV. De modo que essa expressão de que Camões não é nacional é talvez um bocadinho exagerada mas é exagerada de propósito, para obrigar as pessoas a pensar no assunto.

EPA - Já que é para obrigar a pensar no assunto, há, além de Camões, um outro escritor português menos nacio nal? Eça, por exemplo? Antero?

SARAIVA - Não, Eça é muito português, é um português que pretende não ser mas é. Antero, esse talvez seja: el vem da ilha de São Miguel, de uma velha família que já tinha dado pessoas faladas no século XVII.

Mas quem não é? Vamos lá ver! O Camões tem uma idéia apolínea e arquitetônica da arte. Os Lusíadas são forte mente estruturados. Como eu tenho mostrado no bôletim que escrevi sobre "o falso deus odeia o verdadeiro" , Camões é muito cuidadoso em sua coerência, faz uma obra cujas partes se correspondem. Por esse lado, Camões tam bém não é português. O Eça, esse queria ser francês, coi tado, mas é profundamente português no tom, na ironia , uma ironia por vezes reles, não há dúvida nenhuma, mas é o outro lado do português que Camilo não revela.

Camilo é mais português pela tradição: é que ele retrata os costumes e o comportamento português com muita justiça. Mas, agora, isto de ser português ou não ser português mostra como na literatura não se podem fazer juízos!

O que é isso de ser português? Vamos lá ver: o geral tem de ser deduzido ou induzido do particular. Ora, ser português é ser como se mostram os escritores portugueses? Portanto, temos que fazer uma média desses escritores e depois dizer que ser português é isto. Pronto! Esse é o método exato!

EPA - É engraçado! Mas, agora, há ou não um comportamento tipicamente português?

SARAIVA - Eu nunca acreditei muito nessa história de ser ou não português até que cheguei a uma altura em que me dei conta de que o comportamento português realmente é diferente, tem um caráter específico e, mais, uma atitude. A atitude é a máscara que uma pessoa assume diante do outro, de uma maneira ou doutra. E, realmente, se há maneiras de ser nacionais é porque num grupo de pessoas se analisa um certo comportamento em relação ao que está em face dele, ao seu interlocutor. E essa atitude varia de país para país, o que é uma coisa bastante flagrante.

O comportamento castelhano, que é geralmente machis-  
ta e teatral, exprime os valores da Espanha, a honra, por exemplo. O comportamento do português não é esse: lá tam

bém se fala em honra e honra também é a base de muita coisa, mas fala-se de honra porque aprendemos quando mo  
rávamos todos na mesma casa - tivemos todos a mesma edu  
cação na Península Ibérica.

Simplesmente, naquelas coisas que se adivinham para  
lá da máscara, o português mostra outra máscara diferen  
te que é menos machista, embora os portugueses sejam ma  
chistas ainda - uma tradição peninsular. Simplesmente, o  
comportamento real do português tem uma atitude menos in  
teira: o português é um homem facilmente adaptável. A di  
ferença entre a colonização da América espanhola e da  
América portuguesa é que o castelhano chegava a um local,  
fixava previamente uma cidade e levava pra ela o seu es  
quema de cidade - Plaza Mayor, etc - e o implantava ali:  
as cidades espanholas são todas parecidas. Os portugue  
ses não. Eles não têm essa idéia prévia: o português che  
gava e adaptava-se ao sítio, à geografia, aos montes, ao  
vales, adaptava-se. A cidade nascia sempre como uma al  
deia, ia crescendo, tornando-se grande para depois tornar  
se cidade. Não tinha elementos estruturais ou coisas as  
sim para a nortearem. Isto é muito característico.

A certa altura, notei que, embora teoricamente eu  
não tivesse falado do comportamento do português, da cul  
tura portuguesa, a verdade é que, de fato, eu encontrava  
estas coisas. Isso me eveu a escrever, em A Cultura em  
Portugal, um capítulo sobre as feições permanentes da  
cultura rtuguesa.

EPA - Esse seu último livro - é o primeiro de uma série -

tem a ver com a preocupação de tentar definir essa cultura em Portugal, essa identidade?

SARAIVA - Sim, mas eu o chamo A Cultura em Portugal, como já chamava o outro, porque não pretendo que haja uma cultura portuguesa. Antigamente eu pensava que havia uma cultura européia, agora já não digo isso. Estou inclinado a pensar numa cultura hispânica porque a Península Ibérica é o elo entre a Europa e o Islam e há muitas coisas muçulmanas, árabes em Portugal e na Espanha.

Há uma cultura hispânica ocidental transplantada para a América, há uma cultura islâmica também e há, entre as duas, uma ligação, uma passagem que é a Espanha. Portanto, já não diria que Portugal é uma parte da cultura européia porque tudo em Portugal é indefinido até na língua, nos som das vogais, nessas coisas todas. Quer dizer, a lógica de Aristóteles não se aplica lá. Como sabem, está lógica diz "sim" e "não": é o princípio de identidade. E a tradição é islâmica.